

ABORDAGENS DE DESIGN EMERGENTES E LOCAIS PRODUÇÃO LOCAL, TERRITÓRIO E MODELOS COLABORATIVOS

Chiara Del Gaudio

No âmbito do *Simpósio Brasileiro de Design Sustentável (SBDS) + International Symposium on Sustainable Design (ISSD)* acontecido em 2017 em Belo Horizonte, Minas Gerais, tiveram três mesas redondas sobre algumas temáticas que ao organizar o evento, foram consideradas cruciais no contexto do design brasileiro: “Design e artesanato”; “Design, território e cultura”; e “Inovação social e modelos colaborativos”. Estas mesas e relativas temáticas representavam e representam tanto áreas de interesse consolidado no âmbito do design brasileiro, ou áreas cuja relevância têm crescido e ganhando espaço na última década.

Convidamos para estas mesas especialistas, tanto da área acadêmica quanto da prática profissional, no assunto de cada mesa, para que apresentassem reflexões sobre estas temáticas, com base na própria trajetória de pesquisa e trabalho. O desejo era tanto de dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos no Brasil, quanto de trazer para discussão questões cruciais do trabalho de quem pesquisa e pratica nestas áreas.

As discussões entre os pesquisadores, e os pesquisadores e a plateia foram muito ricas. Para tanto, posteriormente, considerando o valor das contribuições para comunidade científica brasileira, convidamos os participantes interessados em escrever um capítulo para este livro. O capítulo tinha que apresentar reflexões

ou resultados de pesquisa sobre o tema da mesa. Neste sentido, podiam ser tanto as mesmas contribuições apresentadas para mesa, quanto trabalhos inspirados pelas discussões aí tidas, ou ainda, avanços das próprias pesquisas que aconteceram até o momento atual. Fizemos isso por compreender a relevância de compartilhar e tornar acessível para todos os pesquisadores, alunos e profissionais interessados na relação entre design e território, design e artesanato e práticas de design que promovem inovação social e exploram modelos criativos colaborativos, os resultados do trabalho acadêmico que vem sendo desenvolvido no Brasil.

Os trabalhos apresentados nas partes II e III deste livro destacam a voz de pesquisadores e designers brasileiros que trabalham com temáticas e abordagens de design que abraçam a dimensão social do design, e olham e exploram como interagir com a variedade de pessoas e seres que constituem as nossas realidades cotidianas. Práticas de design que se engajam com as práticas sociais, e acontecem nas diferentes dimensões da vida e dos sistemas de vida.

Na parte II são trazidos trabalhos ao redor das seguintes temáticas “Design, território e cultura”; e “Inovação social e modelos colaborativos”. Esta parte do livro abre-se com as reflexões da Dr. Laura de Souza Cota Carvalho Silva Pinto. O capítulo 10 por ela escrito, *Design e sustentabilidade na prática: a valorização do território como uma possibilidade*, introduz a discussão sobre o cenário sócio, economicamente e ambientalmente insustentável que estamos vivenciando, e coloca perguntas sobre as possibilidades do design de contribuir. No fazer isso, apresenta uma revisão dos conceitos principais e da sua evolução, até chegar em apresentar fatores-chaves para alcançar cenários mais sustentáveis. Estes precisam guiar a atuação dos designers. Trata-se de: valorização do território, olhar sensível e humanizado, e capacidade de estabelecer um diálogo verdadeiro. Neste sentido a Dr. Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo no capítulo 11, *Design Sistêmico: por uma sustentabilidade ampliada*, corrobora sobre a relevância de uma compreensão aprofundada do território, mas contextualiza isso no âmbito do Design Sistêmico. Trata-se de uma metodologia elaborada pelo professor Bis-tagnino do Politecnico di Torino que, ciente que para alcançar os critérios da sustentabilidade precisa focar além do produto, criou uma metodologia que permite a criação de sistemas econômicos projetados *ad hoc* por contextos específicos. A forma pela qual esta abordagem consegue valorizar saber-fazer, os recursos locais, a identidade e a comunidade do território é exemplificada pela pesquisa de doutorado da autora. Nesta, a metodologia é aplicada no Brasil, em um dos múltiplos territórios da Estrada Real. A exploração de como a relação entre design e território possa tomar forma no território Brasileiro se torna central no

trabalho do Dr. Marcos Eduardo Coutinho que no capítulo 12, *Cadeias produtivas da sociobiodiversidade Amazônica e oportunidades do ecodesign: crocodilianos brasileiros como modelo de trabalho*, reflete sobre o uso e proteção da vida silvestre como mecanismo de conservação e desenvolvimento sustentável. Por meio do estudo de caso na reserva extrativista Lago do Cuniã o autor mostra como a aplicação dos conceitos, técnicas e metodologias de ecodesign é crucial para sociobiodiversidade.

Um outro capítulo desta parte do livro no qual a prática de design no território brasileiro está no cerne da pesquisa, é o capítulo 13, *Design & saúde: um campo de práticas simpoiéticas*, escrito pela Dra. Barbara Szaniecki, pela Dra. Talita Tibola e pela Me. Camille Moraes. Nele, o foco é discutir modelos colaborativos para a prática de design no território visando mudanças sociais. Elas apresentam as possibilidades de o design contribuir para saúde e de fazê-lo por meio de um “design simpoiético” que exemplifica como elas pensam as práticas colaborativas em design a partir de autores como Donna Haraway. Uma experiência de design com pacientes da Clínica da Família da Penha, exemplifica esta abordagem. A reflexão sobre a necessidade de repensar e inovar as práticas de design é objeto também do trabalho da Dra. Ione Maria Ghislene Bentz. No capítulo 14, *Transição de paradigmas no design: qual seu potencial para a ressignificação de inovação e sustentabilidade?*, a autora aponta como as proposições apresentadas pelas teorias sistêmicas e das teorias da complexidade permitem ressignificar os conceitos de inovação social, sustentabilidade e colaboração e portanto, a prática de design neste âmbito. Finalmente, a discussão sobre o potencial do design para contribuir para mudanças nas dinâmicas sociais e a relevância para práticas colaborativas recebe a contribuição também da Dr. Chiara Del Gaudio que no capítulo 15, *Design e utopias sociais: o design aberto de movimentos heterotópicos*, apresenta reflexões sobre a necessidade de repensar o desenvolvimento de visões utópicas no design e pelo design, e sobre as potencialidades do conceito de heterotopia para promover práticas e resultados mais plurais e democráticos.

A parte III deste livro, apresenta um tipo diferente de contribuição: trata-se de relatos tanto da experiência do Simpósio, quanto da prática de designers nestes assuntos. De fato foram convidados para mesas especialistas que, embora tenham também um trabalho acadêmico, têm uma prática inovadora e inspiradora no âmbito da temática da própria mesa. Esta parte se abre com um relato da Dra. Virginia Pereira Cavalcanti da UFPE que compartilha a experiência da mesa “Design e artesanato”, a organização e as discussões tidas. Depois, tem o

trabalho de Mr. Christian Ullmann do iT Projetos que no capítulo 17, *Oficina Nômade, procurar o quê, descobrir o quê? Procurar e descobrir o que o coletivo sabe*, apresenta a própria trajetória e os aprendizados no âmbito do design artesanato conseguidos em 30 anos de experiência. No âmbito do tema “Inovação social e modelos colaborativos”, tem o relato da MSc. Samara Tanaka que no Capítulo 18, *Repensando o design a partir de outras lentes: Design Aberto P2P*, apresenta a experiência do Design Aberto P2P. Faz isso não só descrevendo as suas atividades feitas, mas mostrando quais conceitos inspiraram a atuação do design e como foram repensados para o contexto local.

Para concluir, entre capítulos mais de revisão ou proposição teórica, e capítulos mais focados em apresentar a experimentação prática, observa-se uma atenta escuta e reflexão sobre as teorias e a sua contextualização no Brasil. Neste sentido os trabalhos que apresentam experiências locais se distinguem pela variedade de práticas e pela tentativa de um diálogo constante, profundo e verdadeiro com a realidade local. Em tudo isso, diálogo, cuidado e dimensão sistêmica emergem como guia para trabalhos futuros.